

PATRÍCIA GOVASKI

**A valorização da figura feminina nas obras de Cristina de Pizán e Baldassare
Castiglione (1403-1528)**

**CURITIBA
2014**

PATRÍCIA GOVASKI

**A valorização da figura feminina nas obras de Cristina de Pizán e Baldassare
Castiglione (1403-1528)**

Monografia apresentada pela aluna Patrícia Govaski à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, por ocasião de conclusão do curso de História, Bacharelado e Licenciatura, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Vosne Martins.

**CURITIBA
2014**

À
Anaide Florindo Govaski, minha mãe,
por seu amor e dedicação durante o período da minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas foram imprescindíveis para realização deste trabalho. Algumas pelo incentivo e amizade, outras pelas grandes contribuições bibliográficas.

Deste modo, agradeço:

À Prof. Dra. Ana Paula Vosne Martins e à Daniele Shorne de Souza, pela orientação e por todo auxílio fornecido para a realização deste trabalho.

À Luiz Francisco Garcia Lavanholi, sempre serei grata por todo o seu carinho, apoio, incentivo e compreensão.

SUMÁRIO:

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – A MODULAÇÃO COMPORTAMENTAL E A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE OS SÉCULOS XV e XVI.....	13
1.1 A modulação comportamental nas cortes europeias entre os séculos XV e XVI.....	14
1.2 Considerações sobre a educação feminina durante a passagem da Idade Média para a Modernidade.....	21
CAPÍTULO 2 – CRISTINA DE PIZÁN.....	29
2.1 A autora e sua obra.....	30
2.2 O livro das Três Virtudes e sua proposta voltada ao ensino das damas.....	33
CAPÍTULO 3 – BALDASSARE CASTIGLIONE.....	39
3.1 O Cortesão, de Baldassare Castiglione, e sua perfeita dama palaciana.....	40
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	52

RESUMO:

O presente trabalho monográfico se propõe a analisar a valorização das mulheres e das capacidades intelectuais femininas nas obras de Cristina de Pizán e Baldassare Castiglione. Para este fim, serão utilizadas como fontes principais dois livros ou manuais de conduta voltados à modulação comportamental. O primeiro destes será **O Cortesão**, obra de autoria de Castiglione, publicada no ano de 1528, com o objetivo de construir um modelo exemplar de indivíduo, pautado em um ideal de perfeição e no controle social das emoções; o segundo será **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**, um texto escrito por Cristina de Pizán no início do século XV e inaugural no que diz respeito à conscientização em relação à situação feminina em oposição a tradicional imagem da mulher enquanto um ser menosprezado e desprovido de inteligência. Mediante análise destes dois tratados, esta monografia procurou verificar a interlocução existente entre o livro e as ideias de Castiglione com uma tradição de escrita enaltecadora da feminilidade que precede sua obra, da qual faz parte Cristina Pizán, buscando entender seu pensamento em um contexto maior, assim como investigar de que forma estes dois tratados abordam e revelam a existência de uma valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas em um contexto no qual estas questões começavam a ser tratadas pelos círculos humanistas do Renascimento.

Palavras-chave: Feminilidade, modulação comportamental, humanismo.

INTRODUÇÃO

Os tratados humanistas voltados à educação ou modulação comportamental refletem mudanças de grandes proporções nas relações de sociabilidade que se estabeleceram nas antigas cortes europeias na transição do Medievo para a Modernidade. Frutos de um contexto caracterizado por um afrouxamento da rígida hierarquia social medieval e estabilização de uma nova ordem, mediante um processo de transição da influência da antiga nobreza para uma aristocracia proveniente de outros estratos sociais, estes textos expressam a necessidade dos seus integrantes em criar padrões de conduta tendo o objetivo de nortear as relações interpessoais que estabeleciam não apenas entre seus pares, como também com os outros grupos sociais.

Pautadas em uma tradição de escrita clássica e medieval, os tratados de modulação comportamental visavam o controle e a perfeição para uma sociedade caracterizada por uma ininterrupta circulação de grupos e indivíduos numa ordem social mais aberta. Assim, o gestual, o vestuário, as expressões faciais e o comportamento externo de que tratam estes textos nada mais são do que a manifestação da necessidade de diferenciação das elites com pretensões em relação à educação e às maneiras de ser de seus membros.

Como resultado deste processo de constante intensificação das relações interpessoais, as cortes principescas tornam-se então os espaços ideais para a expressão das novas formas de sociabilidade. No interior destes locais, inúmeros príncipes e governantes procuraram reunir em torno de si indivíduos que expressassem em suas atitudes certa notoriedade e perfeição, bem como o autocontrole. Estes sujeitos costumavam se caracterizar por suas nobres famílias ou por serviços prestados aos príncipes. Como nobres, era conveniente àqueles indivíduos demonstrar certas aptidões, como saber manejar armas, dançar, ser versado nas artes literárias e, sobretudo, ser bastante distinto e educado. Esses homens deveriam saber conviver em sociedade, nem que para isso fosse necessário mascarar suas falhas ou imperfeições, de modo a agradar seus pares e, em especial, ao príncipe, a principal fonte de honrarias para os cortesãos.

Em resumo, se tornou cada vez mais conveniente saber se portar como alguém extremamente refinado na aparência e nos costumes, ou, nas palavras de Jacob Burckhardt, o cortesão deveria se configurar enquanto um ser social perfeito.¹ Assim,

¹ BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 283.

seja em festas ou reuniões nas cortes principescas, o simples fato de integrar um determinado círculo social começou a exigir uma série de conhecimentos e habilidades. Questões relacionadas ao comportamento em sociedade assumiram tamanha importância e visibilidade entre os séculos XV e XVI que mesmo pessoas de extraordinário talento e renome não desdenharam em tratar deste assunto.² Nesse contexto, as publicações voltadas para a modulação dos comportamentos passaram a ser impressas, a fim de atender a um público seletivo que cada vez mais desejava educar-se. Dentre os escritos de maior notoriedade que se preocuparam em definir um ideal de perfeição comportamental para as cortes pode-se certamente citar **O Cortesão**.³

Idealizado por Baldassare Castiglione, **O Cortesão** tem por objetivo construir um modelo exemplar de indivíduo perfeito, pautado no controle social das emoções e em uma maneira de se portar extremamente polida e gentil. Pensador do humanismo italiano, Castiglione nasceu em Casático, localidade próxima à cidade de Mântua, no ano de 1478. Filho de um pequeno proprietário rural, cedo foi enviado à corte de Lodovico Sforza, em Milão, com intuito de aperfeiçoar seus estudos humanistas. Durante muito tempo Castiglione prestou serviço em diversas cortes e tornou-se clérigo ao final de sua vida. Segundo alguns biógrafos, **O Cortesão** foi uma obra idealizada a partir das experiências vivenciadas por seu autor nas cortes principescas, especialmente em Urbino, e por sua convivência entre os mais notáveis círculos intelectuais do Humanismo. Com sua primeira edição publicada em 1528, essa obra tornou-se modelo para os demais tratados que se preocuparam em delinear um ideal voltado à modulação dos comportamentos em diferentes épocas.

O processo de idealização d'**O Cortesão** foi iniciado no ano de 1508, tendo sua primeira versão concluída em 1516. Até a data de sua redação final e publicação, o livro passou por diversas transformações, assim como o próprio Castiglione. Segundo Peter Burke, as revisões feitas a partir de 1520 fizeram com que o texto se tornasse mais sério, mediante remoção de algumas passagens jocosas e adição de um quarto capítulo destinado, francamente inspirado no neoplatonismo e na concepção do amor espiritual, bem como dos principais deveres do perfeito cortesão em servir a um príncipe.⁴ Escrito em forma dialógica, **O Cortesão** foi dividido em quatro partes principais, onde seus personagens procuram expressar a mais perfeita forma de cortesia. No Primeiro Livro

² ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 85.

³ CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁴ BURKE, Peter. **Fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 48.

são tratados assuntos referentes à origem e formação do cortesão perfeito, isto é, define-se qual deveria ser sua a origem social e o que este indivíduo deveria saber fazer, desde as habilidades ligadas às armas, até um determinado tipo de formação intelectual, com ênfase no conhecimento das letras, da retórica, da música e das artes figurativas. O Segundo Livro trata da arte da convivência, da conversação e das liberdades que eram ou não permitidas no espaço da corte e aos indivíduos que desejam ser chamados de perfeitos cortesãos. O Terceiro Livro se propõe a sintetizar o que foi dito anteriormente em relação ao perfeito cortesão e aplicá-lo à dama palaciana. Por fim, o Quarto Livro trata das relações entre o cortesão e o príncipe a quem serve, de maneira digna e inteligente, sem servilismo, concluindo com um belo elogio à forma mais elevada de amor: o amor espiritual inspirado n'Os **Assolani**, de Pietro Bembo, importante poeta neoplatônico e humanista toscano da primeira metade do século XVI.

Desta forma, torna-se perceptível que **O Cortesão** possui uma singularidade enquanto um texto pensado para os espaços de sociabilidades marcadamente masculinos que constituíam as antigas cortes principescas do século XVI: trata-se do capítulo voltado para o comportamento da dama palaciana, vista por Castiglione como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos do perfeito cortesão e não apenas como uma mulher que deveria ser dotada de extraordinária beleza e de virtudes morais. A obra de Castiglione, entretanto, não foi a primeira a apresentar este tipo de singularidade. Desde o trabalho de resgate da memória da atuação das mulheres levado a cabo no contexto do feminismo da segunda onda e de seu impacto sobre a historiografia, veio ao conhecimento uma vasta documentação que expressa à preocupação com a educação e o comportamento feminino nos contextos tardo-medievais e renascentistas. No que diz respeito aos séculos XV e XVI, estas pesquisas demonstraram a existência de uma literatura destinada a enaltecer a figura e as capacidades intelectuais femininas em oposição ao pensamento misógino.⁵

Cristina de Pizán foi uma autora que tratou da questão da educação e do valor das mulheres entre os séculos XV e XVI. Tendo nascido na cidade de Veneza no ano de 1365, ela se mudou para a França ainda muito jovem. Seu pai, Tomaz de Pizán, professor da Universidade de Bolonha e, posteriormente, médico da corte do rei Carlos V, sempre incentivou os estudos da filha, propiciando a ela uma privilegiada educação humanista. Embora tenha contado com a orientação paterna e posteriormente se casado,

⁵ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: Volume II: Idade Média**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

Cristina de Pizán se vê completamente desamparada no ano de 1386. Com o falecimento do pai e também de seu marido, sua situação social se altera consideravelmente, tendo que prover sua família.

O conhecimento que adquiriu propiciou as condições para prover seu sustento. Cristina de Pizán começou a escrever sob o patrocínio de pessoas influentes da corte francesa. Escritora prolífica, em pouco tempo produziu uma obra literária com aproximadamente quinze livros, dentre os quais estão poemas, tratados de educação, tratados morais e também escritos políticos. É importante destacar que sua obra é marcada pela constante presença da reflexão sobre a vida e as capacidades morais e intelectuais das mulheres, apresentando de forma audaciosa e bem sustentada em fontes clássicas e cristãs a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são de origem social e não de ordem natural.⁶

Entre os tratados da autora que se destinam à educação e valorização das mulheres está **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**.⁷ Na história da literatura europeia, esta obra é considerada por muitos especialistas como a primeira obra sobre educação feminina escrita por uma mulher. É um texto que pertence ao gênero didático-moralista e que visa especificamente educar mulheres de todos os estamentos da sociedade tardo-medieval.⁸

O Livro das Tres Vertudes é escrito como uma longa carta na qual as três virtudes – Razão (ou Inteligência), Retidão e Justiça se dirigem às mulheres por intermédio de Cristina de Pizán, com o objetivo de ensinar como elas deveriam se comportar e serem educadas. A obra está dividida em três partes principais, denominadas como livros, e cada uma destas se dedica a ensinar mulheres de diferentes estamentos da sociedade tardo-medieval. No decorrer dos 40 capítulos que compõem estes três livros, Pizán procura não apenas definir preceitos gerais comuns ao gênero feminino de sua época – como, por exemplo, dar orientações relacionadas a questões cotidianas interligadas ao vestuário mais adequado para cada idade e estamento social, relatar com que prudência as senhoras deveriam cuidar do seu agir, conselhos sobre a economia doméstica ou gestão da propriedade na ausência do marido, ou para a

⁶ LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Tese em Literatura Francesa: USP, 2008, p. 13.

⁷ Assim como os responsáveis pela edição consultada, optamos por manter a grafia original em português medieval para fazer referência à obra: PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**. Edição Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

⁸ CRISPIM, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002, p. 15.

educação dos filhos e cuidado de jovens que estavam sob o governo das donzelas ou senhoras - mas principalmente elevar as capacidades intelectuais femininas no interior destas obrigações totalmente cotidianas.

A inteligência é na realidade a nova qualidade que a autora introduz no perfil feminino. Seria esta a nova habilidade que deveria comandar a atuação das mulheres em sua vida moral e cotidiana. Desta forma, defendemos que **O Livro das Tres Vertudes: a Insinância das Damas**, ao tentar traçar um novo perfil para a vida moral e intelectual das mulheres do final da Idade Média, abriu caminho para uma nova perspectiva em relação à figura feminina, partindo da valorização das mulheres pela educação e ação racional, algo muito valorizado pela cultura humanista.

Utilizando o gênero enquanto uma categoria de análise histórica,⁹ este trabalho teve por objetivo abordar um ideal de perfeição destinado às damas no alvorecer da modernidade, partindo da análise de uma tradição de escrita enaltecadora da feminilidade da qual fazem parte autores como Cristina de Pizán e Baldassare Castiglione. Para tal finalidade, optamos por dividir o trabalho em três capítulos. O primeiro, intitulado *A modulação comportamental e educação feminina entre os séculos XV e XVI*, aborda algumas das principais características dos manuais de modulação comportamental, publicados até meados do século XVI, dando ênfase especial à forma pela qual a construção de um ideal de perfeição passou a se configurar como elemento de grande preocupação no que se refere ao comportamento social de homens e mulheres nas cortes europeias. Neste capítulo também procuramos delinear algumas das características vinculadas à educação feminina observada no contexto em questão. No segundo capítulo, nominado *Cristina de Pizán*, buscamos tratar da vida e da obra desta autora, destacando em especial **O Livro das Tres Vertudes: a Insinância das Damas** e sua inovadora proposta destinada ao ensino das mulheres. O terceiro capítulo, intitulado *Baldassare Castiglione*, tem por objetivo abordar alguns aspectos da vida e do pensamento deste autor, assim como investigar de que maneira Castiglione delineou em sua mais importante obra as características necessárias para a perfeita dama palaciana.

⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.15, 1990, p.5-22.

CAPÍTULO 1 – A MODULAÇÃO COMPORTAMENTAL E A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE OS SÉCULOS XV E XVI

A educação e criação de um conjunto de regras relacionadas ao comportamento em sociedade sempre se configuram como elementos de grande preocupação para a sociedade ocidental. Esta perspectiva pode ser comprovada ao analisarmos a multiplicidade de tratados e manuais destinados à modulação dos comportamentos publicados desde a Antiguidade até os dias atuais.

Os tratados humanistas voltados à educação ou modulação comportamental refletem mudanças de grandes proporções nas relações de sociabilidade que se estabeleceram nas antigas cortes europeias, durante a passagem da Idade Média para a Modernidade. Frutos de um contexto caracterizado por um afrouxamento da rígida hierarquia social medieval e estabilização de uma nova ordem, estes textos expressam a necessidade dos membros de uma nova aristocracia em criar novos preceitos com objetivo de nortear as relações interpessoais que estabeleciam não apenas entre seus pares, como também com os demais estamentos sociais.

Enquanto sujeitos integrantes desta sociedade de corte, as mulheres não ficaram alheias a esta questão. Sua educação, postura, vestuário e comportamento externo foram tratados em manuais destinados a modulação dos comportamentos neste contexto caracterizado por uma sociedade em transição que possuía ambiciosas pretensões em relação à educação e às maneiras de ser dos membros que a compõem.

Tendo em vista estas perspectivas, os objetivos deste primeiro capítulo serão abordar algumas das principais características dos manuais de modulação comportamental, publicados entre os séculos XV e XVI, dando ênfase especial à forma pela qual a construção de um ideal de perfeição passou a se configurar como elemento de grande preocupação no que se refere ao comportamento social de homens e mulheres no ambiente de corte. Neste capítulo também procuramos delinear algumas das características vinculadas à educação feminina observada no contexto em questão.

1.1 A modulação comportamental nas cortes europeias entre os séculos XV e XVI

A historiografia costuma assinalar a transição do Medievo para a Modernidade como um período marcado por profundas transformações sociais. Palco para o desenvolvimento do Humanismo, este contexto também apresentou o estabelecimento da transição da sociedade medieval para a sociedade de corte. Esta mudança diz respeito a um lento processo de pacificação da sociedade que se estabeleceu em território europeu entre os séculos XIV e XVI.

Marcada em especial pela rejeição da violência como modo de resolução de conflitos, esta nova configuração da sociedade resultou em uma necessidade de criação de novas normas ou mecanismos voltados ao bom convívio social. De acordo com o sociólogo Norbert Elias, atrelada a esta questão, podemos observar mudanças significativas nas formas de conduta e de expressão das emoções humanas. Segundo o autor, a nova organização da sociedade alterou as formas de contato interpessoais expressas, sobretudo, no ambiente de corte. Entre os séculos XV e XVI, o convívio em sociedade intensificou-se de tal forma no interior, fazendo com que governantes e príncipes passassem a reunir em torno de si inúmeros fidalgos com intuito de que estes pudessem servi-los da melhor forma possível. Neste período caracterizado, sobretudo, por um afrouxamento da rígida hierarquia social medieval e estabilização de uma nova ordem, mediante um processo de transição da influência da antiga nobreza para uma aristocracia proveniente de outros estratos sociais, o comportamento em sociedade se tornou um elemento de preocupação fundamental na vida cotidiana das pessoas.

Ainda conforme Norbert Elias, em sociedades como essas, nas quais a aparência exterior dos indivíduos tornavam-se facilmente símbolos de status e prestígio, a demonstração de autocontrole logo se tornou um elemento imprescindível entre aqueles que desejavam obter certa notoriedade.¹⁰ De acordo com Renato Janine Ribeiro, por esta época, uma verdadeira cultura de refinamento dos modos passou a ser constituída e difundida no ambiente de corte, sobretudo entre os membros dos mais altos estamentos da sociedade. Segundo Ribeiro, o processo de intensificação das formas relações interpessoais no espaço de corte resultou na defesa de um ideal segundo o qual a supressão de todos os modos e expressões considerados grosseiros tornou-se uma

¹⁰ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 83.

questão de vital importância para estabelecimento de uma boa forma de convívio em sociedade.

Deste modo, passou a vigorar entre os membros de uma nova aristocracia a ideia de que para se tornarem indivíduos refinados não bastaria apenas demonstrar alguma preocupação no que se refere à educação formal que recebiam, como também saber expressar-se de maneira adequada em seus costumes, de modo a obter prestígio, poder e atribuições de respeito junto aos demais membros da corte e de seus governantes.¹¹

Segundo Norbert Elias, na passagem do Medievo para a Modernidade, as cortes principescas tornaram-se não somente os espaços concretos de representação de uma nova cultura de refinamento dos modos, como também os centros formadores de estilos de vida considerados ideias.¹² Assim, seja em festividades ou reuniões promovidas no interior destes espaços, o simples fato de integrar um determinado círculo social começou a exigir uma série de habilidades e conhecimento especiais por parte de seus membros.

Como sabemos, as antigas cortes europeias eram espaços habitados por príncipes, cortesãos, damas, artistas e pensadores humanistas. Os indivíduos que costumavam integrar estes círculos sociais costumavam se caracterizar por suas nobres famílias ou por serviços prestados aos príncipes. Deste modo, as cortes comportavam centenas ou milhares de pessoas, envolvidas com as mais diversas atividades. Portanto, não é de se estranhar o fato de muitas delas terem se transformado em grandes centros de difusão cultural. Enquanto membros de uma nova nobreza, para os habitantes das cortes logo se tornou conveniente possuir certas aptidões, como saber manejar armas, dançar, ser versado nas artes literárias e, sobretudo, ser bastante distinto e educado, habilidades que os auxiliaria a cair nas graças não apenas de seu príncipe, como também na dos demais membros da corte.

Os habitantes das cortes precisavam dominar estas habilidades uma vez que disputavam, sobretudo, pela proteção de seus governantes, algo que seria útil na conquista de privilégios pessoais.¹³ Estas disputas por prestígio entre os membros da nova aristocracia eram pautadas, sobretudo, nas boas maneiras e não em conflitos abertos ou em formas de exibicionismo. Segundo Renato Janine Riberio, entre os

¹¹ RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹² ELIAS (1993), **op. cit.**, p. 85.

¹³ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 39.

séculos XV e XVI, era recomendado ao homem da corte saber agir com prudência e moderação, evitado deste modo despertar inveja ou ofender aos seus pares, sejam estes de caráter inferior ou superior a eles.¹⁴

Deste modo, um novo código de comportamento começa a surgir, tornando mais rigoroso o senso do que se deveria ou não fazer para não ofender ou constranger as outras pessoas que integravam estes círculos sociais. Para Norbert Elias, no interior das disputas por prestígio estabelecidas no espaço de corte, os indivíduos que desejavam expressar uma forma de comportamento em sociedade considerada exemplar deveriam, sobretudo, saber como se portar de acordo com seu nível social, uma vez que:

[...] alguém que não pode mostrar-se de acordo com o seu nível perde o respeito da sociedade. Permanece atrás de seus concorrentes numa disputa incessante por status e prestígio, correndo o risco de ficar arruinado e ter de abandonar a esfera de convivência do grupo de pessoas de seu nível e status.¹⁵

Desta forma, torna-se perceptível o fato de que os membros da nova aristocracia começaram a criar determinados padrões de conduta, tendo como objetivo nortear as relações interpessoais que estabeleciam não apenas entre seus pares, como também com os demais estratos da sociedade. A realidade social da nova aristocracia, anteriormente regida por um código moral próprio da ordem de cavalaria, passou a ser composta por uma valorização de novos e refinados costumes, que serviriam como forma de distinção desta classe em relação aos demais estratos da sociedade.

Assim, cria-se no ambiente de corte uma rígida dinâmica no que se refere ao controle social, que era expressa tanto do príncipe para com os súditos, como entre os demais cortesãos. Esta disputa por prestígio, segundo Maria Cristina Gomes Machado, na verdade se tratava de uma concorrência por notoriedade, caracterizada por uma forma de prestígio hierarquizado, na qual os indivíduos receberiam formas de honrarias, em maior ou menor escala, determinadas pela influência que se demonstravam capazes de exercer sobre outros.¹⁶

Deste modo, para obter prestígio e notoriedade, os habitantes das cortes deveriam acima de tudo saber conviver em sociedade, nem que para isso fosse

¹⁴ RIBEIRO, Renato Janine. (1983), **op. cit.**, p. 96.

¹⁵ ELIAS (1993), **op. cit.**, p.86.

¹⁶ MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Pensando com Norbert Elias: a construção do conceito de civilidade**. Maringá: texto no prelo para publicação, 2011, p. 3.

necessário mascarar levemente suas falhas ou imperfeições, de modo a agradar seus pares e, em especial, ao príncipe, sua principal fonte de honrarias. Em resumo, era cada vez mais conveniente a estes indivíduos saber se portar como alguém extremamente refinado na aparência e nos costumes, ou, nas palavras de Jacob Burckhardt, o habitante de corte deveria se configurar enquanto um ser social perfeito.¹⁷

Questões relacionadas ao comportamento em sociedade assumiram tamanha importância neste contexto, fazendo com que mesmo pessoas de extraordinário talento e renome não desdenhassem em tratar do assunto.¹⁸ Durante a passagem do Medievo para a Modernidade, as publicações voltadas para a modulação dos comportamentos passaram a ser impressas em larga escala, a fim de atender a um público seletivo que cada vez mais desejava educar-se sobre o tema. Com isso, os manuais de modulação comportamental acabaram desempenhando papel fundamental no processo educativo da nova aristocracia, adquirindo importância como reguladores, orientadores e modeladores de atitudes e comportamentos humanos.

Neste ponto, vale salientar o fato de, até meados do século XV, ter posse de livros ou pequenas bibliotecas era considerado verdadeiro artigo de luxo. Neste contexto, os manuscritos se configuravam como o único meio de suporte para a cultura escrita. Sua fabricação, entretanto, possuía um custo bastante elevado, questão que legava a feitura de livros extrema dificuldade e tiragens diminutas, privilegiando deste modo a produção de livros religiosos e inexpressivas as publicações de obras voltadas a outras naturezas.¹⁹

Norbert Elias constatou que o processo de publicação de obras voltadas para a modulação dos comportamentos tornou-se mais acentuado no final da Idade Média, possivelmente em decorrência ao advento da imprensa, fato que possibilitou a publicação e difusão em maior escala de normas e regras de conduta anteriormente transmitidas somente mediante utilização da oralidade.²⁰

Desta forma, as publicações voltadas à modulação comportamental conseguiram neste contexto grande repercussão devido ao fato de atenderem a necessidade de um seletivo grupo em se estabelecer como indivíduos de real importância na hierarquia social de uma cultura em transição. Assim, a postura, o vestuário, as expressões faciais e o

¹⁷ BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 283.

¹⁸ ELIAS (1993), **op. cit.**, p.85.

¹⁹ ANSELMO, Artur. **Estudos de História do Livro**. Lisboa: Guimarães Editora, 1998, p. 23.

²⁰ ELIAS (1993), **op. cit.**, p.87.

comportamento externo de que cuidam estes tratados nada mais são do que a manifestação interior de uma sociedade que possuía ambiciosas pretensões em relação à educação dos membros que a compõem.

De acordo com Dyeinne Cristina Tomé, entre os séculos XV e XVI, pode observar uma vasta produção de publicações voltadas à modulação dos comportamentos no interior das cortes europeias. Para a autora, além de lançarem luz sobre elementos que dizem respeito à transformação da organização social que ocorreu no contexto, mostrando com exatidão padrões e hábitos de comportamento a que uma sociedade procurou condicionar seus costumes, esses tratados são, em si, instrumentos de modelação e de adaptação das pessoas a modos de agir exigidos pela estrutura da sociedade na qual viviam.²¹

Ainda conforme Tomé, até meados do século XIV, os tratados voltados à educação dos comportamentos eram destinados à instrução de noviços em mosteiros, ou ao ensino de jovens em colégios. Estes livros, entre outros elementos, costumavam tratar de regras de comportamento social, que, durante a Idade Média, costumavam ser transmitidas através da oralidade, por meio de pequenas trovas ou provérbios de fácil assimilação.²²

Com o advento do século XV, os tratados voltados à modulação dos comportamentos passaram a ser publicados em larga escala e também foram traduzidos em vários idiomas. Redigidos em uma linguagem simplificada e acessível, estes textos eram voltados, de acordo com Maria Cecília Barreto Amorim Pilla, ao ensino do que a autora caracteriza como uma ciência da civilização, voltada a inserção de seu público leitor em um novo código de conduta que regeu a vida social no ambiente de corte.²³ Ainda conforme Pilla, a organização dessas obras possuía um caráter bastante peculiar. Esses textos possuíam uma estrutura de escrita que favorecia uma leitura pública, voltada à assimilação dos conteúdos das obras de forma objetiva e simplificada por um maior número de pessoas. Deste modo, ao analisar essas obras, a autora acredita que se torne claro aos pesquisadores o fato de que a intenção dos autores inseridos neste contexto era difundir a um maior número de pessoas possível todos os preceitos e padrões de comportamento socialmente aceitos, bem como exaltar formas adequadas de

²¹ TOMÉ, Dyeinne Cristina. Os primeiros manuais e a educação para a civilidade dos modos. In: **Modas e Modos: os manuais de instrução feminina e a educação da mulher**. Dissertação de Mestrado em História: Universidade Estadual de Maringá, 2013, p. 27.

²² TOMÉ (2013), **op. cit.**, p. 29.

²³ PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. **A arte de receber: distinção e poder a boa mesa – 1900-1970**. Tese de Doutorado em História: Universidade Federal do Paraná, 2004, p. 46.

comportamentos e lembrar tudo aquilo que deveria ser evitado para o estabelecimento de uma boa forma de convívio em sociedade.²⁴

Dentre os tratados de modulação dos comportamentos publicados durante a transição do Medievo para a Modernidade, pesquisadores como Alcide Bonneau destacaram obras como: **A civilidade pueril**, de Erasmo de Rotterdam (1530); o **Galateo**, de Giovanni della Casa (1558), **O guia dos cortesãos**, de Nervèze (1606); o **Tratado da Corte**, de Refuge (1616); **O honesto homem ou a arte de agradar à corte**, de Nicolas Faret (1630) e **O novo tratado da civilidade que é praticado na França entre as pessoas honestas**, de Antoine Courtin (1671), livros que, segundo o autor, podem ser citados entre os primeiros títulos a tratar, com ordem e método, dos códigos de conduta mais importantes expressos pelos membros da sociedade de corte.²⁵

De acordo com os estudos de Jacques Revel, esses e outros manuais de civilidade que circularam pela Europa no período, foram difundidos em larga escala, servindo tanto para a aprendizagem das maneiras civilizadas em geral, como para o ensinamento e difusão da cultura escrita. Segundo o autor, essas obras, publicadas com o intuito de adequação dos corpos, foram também lidas e ensinadas às crianças em ambiente escolar.²⁶

A maior parte desses e outros tratados publicados entre os séculos XV e XVI possuíam como objetivo, segundo Bonneau e Elias, ensinar e difundir um ideal de convívio em sociedade adequado. No que se refere a esta questão, Norbert Elias afirma que Erasmo de Rotterdam, por exemplo, conseguiu tratar com notória naturalidade das questões mais elementares que dizem respeito à vida social e as relações interpessoais estabelecidas pelos seres humanos desde a mais tenra idade. Em seu livro, Erasmo de Rotterdam abordou muitas das atitudes que até a Idade Média eram, em grande medida, toleradas e que passaram a exigir uma maior atenção com o advento da intensificação das relações pessoais na sociedade de corte.

Outros tratados como o **Galateo**, de Giovanni della Casa, também são considerados exemplos de uma escrita voltada a modulação dos comportamentos na medida em que foram idealizados em uma linguagem acessível com o objetivo de instruir e educar aos jovens. Nas páginas que compõem a obra, Della Casa oferece

²⁴ PILLA (2004), **op. cit.**, p. 48.

²⁵ BONNEAU, Alcide. Os livros de civilidade desde o século XVI. In: **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978, p. 17.

²⁶ REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, p.185.

conselhos para a aquisição de virtudes, como a modéstia e a destreza individual, além de discorrer sobre o comportamento apropriado, as maneiras e os hábitos adequados em sociedade.

Deste modo, obras como **A civilidade pueril** e o **Galateo**, difundiram pela sociedade de corte ideais em defesa de cuidados especiais em relação aos gestos, às atitudes corporais e à forma de posturas adequadas, sejam estas expressas em simples conversas, festividades ou até mesmo à mesa, revelando, assim, a preocupação desta sociedade de corte em relação ao estabelecimento de uma bem cuidada educação de seus membros desde a infância.²⁷ Nesse sentido, os manuais voltados à modulação comportamental influenciaram diretamente na normatização, regulação e formação da conduta em sociedade durante a passagem do Medievo para a Modernidade.

Enquanto sujeitos integrantes da sociedade de corte, as mulheres não ficaram alheias a questões vinculadas a modulação dos comportamentos. Veremos a seguir de que modo o estabelecimento desta cultura de refinamento dos modos afetou a educação e a figura feminina entre os séculos XV e XVI.

²⁷ ELIAS (1993), **op. cit.**, p.90.

1.2 Considerações sobre a educação feminina durante a passagem da Idade Média para a Modernidade

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história,²⁸ afirmam Georges Duby e Michele Perrot no terceiro volume de sua obra **História das Mulheres no Ocidente**. Perspectivas semelhantes à defendida pelos autores em relação à história feminina vigoraram durante muito tempo no interior da tradição historiográfica, não somente no que se refere aos estudos sobre a transição da Idade Média para a Modernidade como em trabalhos destinados a investigar outros contextos.

Conforme sabemos, pesquisas vinculadas a qualquer temática costumam relacionar-se não apenas com as escolhas pessoais do historiador, como também com a posição teórica, metodológica e política que o mesmo ocupa no interior do debate historiográfico. No que se refere ao estudo da história das mulheres este fato não é diferente. Os primeiros trabalhos voltados à investigação do gênero feminino através da história podem ser diretamente vinculados às demandas provenientes do movimento feminista.

Os debates feministas têm sua origem no século XIX. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX estes discursos se intensificaram inseridos em um contexto no qual a ideia de alteridade começou a ganhar espaço e difusão nos ambientes político, social e acadêmico. Nesse período, os movimentos de caráter anticoloniais, étnicos, raciais, feministas e homossexuais emergiram, promovendo uma mudança de perspectiva ao destacar a necessidade daqueles grupos, até então marginalizados, em adquirir representatividade nos círculos políticos e intelectuais. Segundo Letícia Schneider Ferreira, o feminismo institui-se nesse contexto enquanto movimento social tendo como finalidade explicitar a situação de dominação a qual as mulheres estão cotidianamente submetidas. Para a autora, a partir da segunda metade do século XX, inúmeras mulheres começaram a denunciar a construção cultural do gênero feminino, desnaturalizando antigas concepções consideradas inerentemente à figura da mulher.²⁹

Os estudos iniciais sobre a história das mulheres certamente contribuíram para intensificar e expandir a compreensão historiográfica em relação aos fatos do passado.

²⁸ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. III. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 7.

²⁹ FERREIRA, Letícia Schneider. Gênero e feminino no medievo: o Sacramento do Matrimônio na obra de Martin Perez. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, julho 2011, p. 2.

De acordo com Louise A. Tilly, podemos ver este processo como algo cumulativo e interativo, no qual, ao estudar a vida das mulheres no passado, historiadores e historiadoras se apoiaram em especialidades mais antigas da disciplina, tais como:

[...] a demografia histórica para estudar os dados do estado civil, as ocupações e as migrações; a história econômica para as transformações econômicas; a história social para os processos de transformação estrutural em grande escala, como a profissionalização, a burocratização e a urbanização; a história das ideias para os métodos de crítica dos textos; e a história política para os conceitos relativos ao poder.³⁰

Deste modo, uma nova especialidade histórica se difundiu pelo ambiente acadêmico, tendo como principal objeto investigar a atuação das mulheres no decorrer dos séculos, tornando-as então sujeitos atuantes na história.

Ainda conforme Ferreira, o advento do movimento feminista foi essencial para a introdução em ambiente acadêmico de discussões sobre a história feminina e das relações de poder estabelecidas entre os sexos, conceito cuja reflexão mostra-se se extrema relevância para a compreensão das temáticas vinculadas às mulheres. Usado, sobretudo a partir da década de 1970, o conceito de gênero pode ser visto como uma categoria de análise histórica, voltada não apenas a salientar diferenças existentes entre homens e mulheres, como também para fazer referência à organização das relações sociais estabelecidas pelos mesmos através dos séculos.³¹

Inseridas nestas discussões, autoras como Joan Scott demonstraram em seus trabalhos que a diferenciação entre os sexos e a construção de uma hierarquia entre homens e mulheres ocorreu mediante um processo de consolidação de discursos e práticas sociais na história. Assim, Scott definiu o conceito de gênero como:

[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido.³²

³⁰ TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: **Cadernos Pagú**, ed. 3. Campinas, 1994, p. 34.

³¹ FERREIRA (2011), **op. cit.**, p. 3.

³² SCOTT (1990), **op. cit.**, p. 14.

Deste modo, torna-se perceptível o fato de que Scott apresenta o conceito de gênero como um elemento que possibilita ao pesquisador compreender as noções de masculino e feminino não apenas enquanto termos binários, mas como espaços de constituição de identidades que se encontram em relação mutável através da história. Neste sentido, gênero se torna um conceito que permite que tais relações estabelecidas entre homens e mulheres sejam abordadas pela historiografia em uma ampla perspectiva, rejeitando apresentações sobre a figura feminina através de uma ótica maniqueísta.³³

Esta construção da História das Mulheres e da concepção do feminino auxiliaram diversos pesquisadores na tarefa de compreensão dos discursos vinculados às mulheres e dos papéis atribuídos às mesmas nas mais diversas sociedades. No que se refere à transição da Idade Média para a Modernidade, os estudos sobre a figura feminina exigem ao pesquisador compreensão não apenas das representações elaboradas por essa época sobre as mulheres, como também da lógica social que construiu tais representações.

Conforme vimos anteriormente, a ideia de hierarquia é um pilar fundamental na organização da sociedade de corte. Esta ideia também pode ser vista nas relações interpessoais estabelecidas entre homens e mulheres que habitam estes espaços. Podemos perceber uma clara lógica de submissão difundida no interior das cortes, entre senhores e servos, suseranos e vassallos, clérigos e leigos e, por fim, entre homens e mulheres. Segundo Letícia Schneider Ferreira, a organização e estabelecimento das relações interpessoais neste contexto foram fortemente mediadas por uma noção de hierarquia, fazendo com que a construção das noções de masculino e feminino seguissem essa noção que:

[...] se esforça em articular entre eles os dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada, quer dizer, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre estas categorias.³⁴

Assim, a autora defende que a ideia segundo a qual desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do gênero feminino na sua relação com o masculino no interior das cortes.

³³ FERREIRA (2011) *op. cit.*, p. 4.

³⁴ *Idem*, p. 6.

Segundo Ricardo Hiroyuki Shibata, também torna-se perceptível no interior desta lógica hierárquica duas direções divergentes na produção de discursos sobre a questão da educação das mulheres. A primeira destas, interligada ao peso da cultura clerical e tratadística católica, destinou-se a demonstrar a inferioridade das damas, seja física, intelectual e social, em relação aos homens.³⁵

Esta tradição misógina produziu discursos, sobretudo durante período medieval, que comumente associavam às mulheres a uma série de características pejorativas. Esses discursos possuíam seus alicerces teóricos baseados em formulações provenientes de escritos religiosos, da filosofia antiga e da patrística medieval. De acordo com Henry R. Loyn, mediante racionalização e amplificação destas formulações, o discurso misógino deturpou a figura da mulher. Baseados em personagens bíblicas como Eva, apontada como a grande responsável pela queda da humanidade e introdução do pecado neste mundo, no interior desta lógica, reforça-se a concepção da necessidade de controle sobre o corpo e a sexualidade feminina, elementos geradores do pecado e, portanto, necessários de constante regulação.³⁶

Segundo Ferreira, muitos dentre os membros dessa sociedade acreditavam que as mulheres, devido a sua natureza, possuíam espíritos fracos e somente o trabalho doméstico, o silêncio e a oração seriam elementos capazes sobrepujar esta fraqueza.³⁷ Deste modo, a preocupação com a educação e regulação da vida feminina se mostram precoces no interior dessa sociedade. De acordo com Lucimara Leite, a educação destinada às mulheres no período em questão era eminentemente cultural e de ordem privada. Uma vez que muitas delas não possuíam acesso às escolas e posteriormente às universidades, o contato com a cultura escrita se dava por meio da leitura pública de trovas, sermões e espetáculos populares. Outro aspecto importante na educação das mulheres era o seu status civil, visto que a condição social que estas possuíam determinava o conteúdo educacional a que teriam acesso, da mesma forma a sua posição dentro da família era importante no seu processo educacional, que seria diferenciado se ela estivesse na condição de mãe, esposa ou filha.³⁸

³⁵ SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. O retrato da sajes e boa princesa D. Izabel, Duquesa de Borgonha, e a corte portuguesa no século XV. In: **Revista Philologus**, Ano 19, N° 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013, p. 101.

³⁶ LOYN, Henry R. **Dicionário Temático da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 264.

³⁷ FERREIRA (2011) *op. cit.*, p. 4.

³⁸ LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Tese em Literatura Francesa: USP, 2008, p. 32.

No que se refere à instrução doméstica, principal forma de orientação educacional que muitas mulheres receberam no período, ao completarem três anos de idade as meninas costumavam ser retiradas dos quartos comuns, espaços que anteriormente dividiam com os meninos. Quando atingiam doze anos de idade, as jovens deveriam começar ser preparadas para o casamento e maternidade. Para tais finalidades, passavam a maior parte do tempo em suas casas, aprendendo sobre os afazeres domésticos e sendo constantemente vigiadas por seus pais e irmãos. Passeios pelo ambiente de corte e convivência em sociedade lhes eram permitidos, desde que os mesmos fossem feitos mediante severa supervisão.

O matrimônio se tornou no interior desta lógica misógina talvez o elemento mais eficaz no que se refere à iniciativa de controle dos corpos femininos. Deste modo, ao se cassarem as jovens damas costumavam trocar suas vidas regidas pelas ordens paternas por uma nova forma de existência, regida pelas vontades do futuro marido. Assim, no interior desta instituição social, o corpo feminino continuaria submetido ao controle e vontade masculina.

A transição da Idade Média para a Modernidade torna esta questão do matrimônio ainda mais relevante. De acordo com Georges Duby, no interior da sociedade de corte, caracterizada por uma ininterrupta circulação de grupos e indivíduos numa ordem social mais aberta, o casamento se tornou um elemento importante na medida em que pode ser visto como algo que:

[...] conserva a paz, trava a discórdia e sanciona alianças; momento de encontro de grupos familiares frequentemente opostos, o matrimônio pode ser o ponto fulcral de uma estratégia que tende a dilatar a amizade, a estender progressivamente as malhas de uma rede de alianças internas na cidade que produzem o efeito benéfico da concórdia social.³⁹

Deste modo, o autor defende que os casamentos se tornaram verdadeiros negócios, nos quais familiares da dama e pretendentes a noivo negociavam acordos visando o estabelecimento de um matrimônio. Segundo Duby, nessas negociações a escolha do conjugue não era feita de acordo com o gosto da mulher, pois cabia-lhe apenas obedecer e aceitar essa nova etapa de sua vida sem indagações ou

³⁹ DUBY & PERROT (1995), **op. cit.**, p. 297.

questionamentos. O casamento era assunto de competência masculina, tratado por homens, e por eles determinado. Deste modo, os enlaces matrimônios foram pensados nesse contexto visando a extensão de sociabilidades e obtenção de benefícios e prestígio social para ambos os lados envolvidos.

Este modelo de escolha matrimonial possuiu aplicação rigorosa entre as classes mais altas da sociedade tardo-medieval. Assim, no interior dessa sociedade em transição, seja com a finalidade de obter um bom casamento ou algum auxílio em suas demais obrigações cotidianas, tornou-se conveniente as mulheres obter outras formas de instrução para além das domésticas. Neste sentido, outros tipos de orientações voltadas à educação feminina ganharam espaço e destaque entre os membros da nova aristocracia. Podemos perceber no interior destas discussões a emergência da segunda direção no que se refere à produção de discursos sobre a questão da educação das mulheres: trata-se da valorização da figura e das capacidades intelectuais feminina no quadro da tradição do humanismo e do cenário de corte.

A Idade Média foi um período sem dúvida em que os homens obtiveram grande controle sobre a produção de escrituras e saberes no que se refere à instrução feminina. Estes homens ordenavam a sociedade e ainda eram encarregados de dizer às mulheres quais seriam seus papéis e lugares na sociedade e na economia. Porém, o momento agora não é o de descrever as condições de submissão da mulher ao longo da Idade Média, ou a forma de controle a qual seus corpos foram sujeitados. O momento é de apresentar as formas pelas quais, apesar de enfrentarem condições aparentemente desfavoráveis, muitas mulheres conseguiram elaborar linhas de fuga e obter uma forma de instrução mais apurada.

Durante o século XIX, ao tratar a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade da passagem da Idade Média para a Modernidade, Jacob Burckhardt afirma que:

[...] para a compreensão das formas mais elevadas de sociabilidade presentes no Renascimento é essencial saber que a mulher gozava da mesma consideração conferida ao homem.⁴⁰

Para o autor, as mulheres que costumavam frequentar o espaço de corte, participando dos círculos humanistas, costumavam receber a mesma educação

⁴⁰ BURCKHARDT (1991), *op. cit.*, p. 285.

propiciada aos homens. Estudos mais recentes, como os de Cláudia Optiz, revelaram que entre as classes mais elevadas da sociedade de corte, onde as mulheres se encontravam submetidas aos homens, fosse ao pai, ao marido, ou mesmo ao confessor, ainda assim poderiam obter alguma forma de instrução.⁴¹

No que se refere à educação letrada, na passagem da Idade Média para a Modernidade, a sociedade de corte possuía categorias escolares bastante definidas. Segundo Ferreira, como base encontravam-se as escolas pequenas paroquiais. Durante o medievo, as paróquias se encontravam por vezes na dependência dos senhores feudais, que eram os responsáveis pela contratação dos mestres que lecionavam nestes espaços. Em outros casos, também era possível aos habitantes de uma aldeia se associassem para contratar um mestre. Deste modo, o ensino era ministrado contigualmente ao espaço da igreja ou mesmo na própria igreja. As moças se beneficiaram por vezes desta forma de ensino, obtendo alguma forma de instrução convencional em um ambiente mais apurado se comparado ao dos domicílios.⁴²

Neste grupo podemos inserir ainda as celibatárias, damas que no interior dos conventos conseguiam obter formas de educação bastante semelhantes às ofertadas aos homens. Os mosteiros, além de representarem uma forma de alternativa ao casamento, eram espaços habitados por mulheres nas mesmas condições, que procuravam dar suporte umas às outras. Além disso, eram também uma oportunidade que estas damas tinham de se dedicar não só às questões religiosas como também às artes, às leituras, às traduções e aos demais conhecimentos da época. Vale também salientar o fato de que nesse momento as produções de livros ficavam sobre a responsabilidade tanto de monges quanto de freiras.

Outra forma de instrução destinada às mulheres nesse contexto poder ser observada entre os membros da nova aristocracia. Em algumas famílias mais abastadas, também era comum que os pais fornecessem as filhas alguma instrução formal, mediante contratação de professores destinados a ensiná-las sobre a literatura, a música, a filosofia e demais aspectos da cultura letrada do Humanismo. Assim percebe-se que, ainda que o discurso misógino estivesse em clara oposição a este fato, muitas mulheres conseguiram na passagem da Idade Média para a Modernidade obter inserção na cultura letrada de sua época.

⁴¹ OPTIZ, Claudia, O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 89.

⁴² FERREIRA (2011) **op. cit.**, p. 9.

Dentre os elementos que se destinaram a tratar da educação feminina neste contexto pode-se ainda citar os manuais voltados à modulação dos comportamentos. Muitos destes textos procuraram expor o pensamento da época a respeito da educação e da figura feminina. Voltados, sobretudo, as mulheres casadas, estas obras procuraram por meio da cultura escrita fornecer orientações e criar um modelo de mulher ideal dentro dos padrões éticos, religiosos e culturais da Idade Média e do período Renascentista.

Veremos nos capítulos seguintes de que forma dois destes manuais, o primeiro escrito por uma mulher e o segundo por um homem, abordam e revelaram a figura feminina e suas capacidades intelectuais e morais num contexto ainda marcado pela suspeita e por uma visão bastante depreciativa em relação às mulheres, tanto do ponto de vista teológico e clerical, quanto do ponto de vista laico.

CAPÍTULO 2 – CRISTINA DE PIZÁN

A significativa ausência das mulheres na produção dos discursos historiográficos não é fruto do acaso. Esta questão resulta do longo processo de silenciamento sobre a atuação que as mesmas possuíram ao longo da história.

O advento da segunda metade do século XX traz a este quadro grandes alterações. Com o trabalho de resgate da memória da atuação das mulheres levado a cabo no contexto do feminismo da segunda onda e de seu impacto sobre a historiografia, veio ao conhecimento uma vasta documentação que expressa à preocupação com a educação e o comportamento feminino nos contextos tardo-medievais e renascentistas. No que diz respeito aos séculos XV e XVI, estas pesquisas demonstraram a existência de uma literatura destinada a enaltecer a figura e as capacidades intelectuais femininas em oposição ao o pensamento misógino.⁴³

Inserido nessa perspectiva, este capítulo procura tratar da figura e do pensamento de Cristina de Pizán, mulher ousou transcender seu lugar e proferir seus discursos através da escrita. Deste modo, abordaremos inicialmente alguns aspectos em relação à vida e obra desta autora, destacando especialmente **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas** e sua inovadora proposta destinada ao ensino das mulheres no período tardo-medieval.

⁴³ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: Volume II: Idade Média**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

2.1 A autora e sua obra

Cristina de Pizán⁴⁴ nasceu na cidade de Veneza, na Itália, no ano de 1365. Mudou-se para a França ainda muito jovem, país que adotou como lar e onde permaneceu até a sua morte. Foi poetisa, filósofa e em suas obras abordou, explicitamente, a questão do gênero, refutando a tradição misógina que produziu discursos sobre as mulheres de seu tempo.

Seu pai, Tomaz de Pizán, professor da Universidade de Bolonha, mudou-se para a corte francesa a convite do rei Carlos V, onde prestou serviços ao soberano como médico e astrólogo. Na figura paterna, Cristina de Pizán encontrou grande incentivo para se introduzir em uma cultura letrada. Tomaz de Pizán sempre incentivou os estudos da filha. Deste modo, no ambiente da corte francesa, a autora teve acesso a livros e manuscritos da biblioteca real, aprendeu latim e também filosofia.

Embora sua mãe fosse contrária ao fato de uma mulher possuir este tipo de instrução, uma vez que interpretava a aquisição destes conhecimentos como um elemento capaz de corromper e desviar as mulheres daquelas funções as quais acreditava serem próprias ao gênero feminino, tais como cuidar do marido e dos filhos, bem como zelar por seu lar, Cristina de Pizán está entre as mais notáveis mulheres que obtiveram uma privilegiada forma de educação humanista. Deste modo, para Daniele Shorne de Souza, Pizán muito cedo entrou em contato com uma realidade segundo a qual nascer mulher era algo determinante na sociedade e seu papel seria o de cumprir os deveres de esposa fiel, mãe carinhosa e servil. Foi contra este tipo de pensamento limitado e originário da misoginia que Cristina de Pizán, viria a voltar-se mais tarde.⁴⁵

Ao atingir quinze anos de idade, assim como ocorria tradicionalmente nas demais famílias da corte, o pai de Cristina de Pizán providenciou um matrimônio para a filha. O noivo escolhido foi Etiénne de Castel, um jovem nobre que, em 1380, um ano após o casamento com a autora, assumiu a função de secretário da chancelaria do Rei Carlos V. Segundo Christiane Soares Carneiro Neri, com o falecimento do Rei, abateu-se sobre a família de Cristina uma época permeada por dificuldades. No ano de 1386,

⁴⁴ Os dados biográficos de Cristina de Pizán foram retirados de: LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Tese de Doutorado em Literatura Francesa: USP, 2008 e SOUZA, Daniele Shorne de. **A Cidade das Damas e seu Tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV**. Dissertação de Mestrado em História: UFPR, 2013. Cristina de Pizán faleceu no ano de 1430, no convento de Possy, deixando uma extensa e influente obra intelectual.

⁴⁵ Daniele Shorne de. **A Cidade das Damas e seu Tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV**. Dissertação de Mestrado em História: UFPR, 2013, p. 21.

Tomaz de Pizán faleceu e alguns anos depois Cristina também se tornou viúva.⁴⁶ Daquele momento em diante, a autora se vê completamente desamparada. Com o falecimento de seu pai e também do marido, sua situação social muda: de filha e esposa, a partir de então dela dependia o provimento de toda a sua família.

O conhecimento que adquiriu no início de sua vida logo se tornou a forma para prover este sustento. Cristina de Pizán começou então a escrever publicamente sob o patrocínio de pessoas influentes da corte francesa. Sua dedicação às letras logo lhe rendeu prestígio e respeito. Além de escrever a biografia do rei Carlos V, Pizán traduziu diversas obras, escreveu manuais didáticos e romances encomendados por membros da nobreza, sobretudo por princesas e rainhas.

Ao obter o sustento de sua família por meio de seu trabalho como escritora, algo incomum entre as mulheres desse período, a autora pode ser vista como uma figura notável na medida em que se distanciou dos padrões de comportamento femininos vigentes em sua época. Sobre esta questão, Daniele Shorne de Souza considerou que a autora se opôs em sua produção intelectual às obras desmoralizantes em relação ao feminino não apenas por razões literárias, como também devido aos argumentos difamatórios em relação às mulheres apresentados por esses escritos.⁴⁷ Como exemplo desta perspectiva, podemos citar o envolvimento de Cristina de Pizán na *Querelle des femmes*, um debate literário sobre as relações de gênero estabelecidas por homens e mulheres durante o medievo, que ultrapassou a ordem do simbólico, para se tornar uma prática política.⁴⁸

Em oposição ao que defendiam os partidários d'**O Roman de La Rose**, uma obra medieval composta por duas partes: a primeira, idealizada no ano de 1245, por Guillaume de Lorris, reunindo temas da lírica amorosa, onde predomina o sentimento cortês; a segunda, composta em 1295, por Jean de Meung, onde o autor apresenta o amor como satisfação dos instintos e defende abertamente uma ideia de desprezo em relação às mulheres, Cristina de Pizán procurou discutir, na maior parte de suas obras, a respeito das relações de gênero estabelecidas entre homens e mulheres até meados do século XV. Deste modo, a autora escreveu críticas aludindo que o texto de Meung não tratava a respeito do amor cortês, uma vez que traça um retrato grosseiro do gênero

⁴⁶ NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. In: **Revista Gênero e Direito**, ed. 3, 2013, p. 72.

⁴⁷ SOUZA (2013), **op. cit.** p. 24.

⁴⁸ CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2006, p. 63.

feminino, e, em resposta, elenca uma série de mulheres que deveriam ser tidas como virtuosas, sejam estas retiradas da tradição bíblica, como Sara, Ester ou Judite, ou ainda provenientes da aristocracia de sua época.⁴⁹

As críticas de Cristina de Pizán geraram duras reprimendas. Entretanto, a autora não se calou ou fez retratações diante dos ataques, promovidos em especial pela classe clerical. Segundo Anderson Cardoso Rubin, encontram-se nos ataques dirigidos a autora os ecos da tradição misógina medieval que responsabilizava as mulheres pela queda original da humanidade. Segundo essa tradição, a mulher não deveria se expressar com palavras, pois, pela tagarelice de Eva, o pecado havia entrado em nosso mundo. Neste ponto se embasava a defesa de que o posicionamento feminino ante qualquer assunto deveria ser expressado com a mínima verbalização possível e limitado pela mortificação corporal. Dessa tradição também decorre a proibição a que as mulheres pregassem ou ensinassem publicamente no interior da sociedade. Assim, todo o meio universitário parisiense se voltou contra Cristina de Pizán – não para refutar qualquer um dos seus argumentos –, mas para criticar o desatino de uma mulher querer discutir com os distintos doutores da Universidade de Paris.⁵⁰

Cristina de Pizan não se calou diante de tais ataques. Ao contrário do que seus opositores poderiam esperar, a autora retoma a pena para denunciar as injustiças feitas contra o gênero feminino em sua época. Escritora prolífica, em pouco tempo Pizán produziu uma obra literária com aproximadamente quinze livros, dentre os quais estão poemas, tratados de educação, tratados morais e também escritos políticos. É importante destacar que sua obra é marcada pela constante presença da reflexão sobre a vida e as capacidades morais e intelectuais das mulheres, apresentando de forma audaciosa e bem sustentada em fontes clássicas e cristãs a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são de origem social e não de ordem natural.⁵¹

Dentre os tratados da autora que se destinam à educação e valorização das mulheres está **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**.⁵² Na história da literatura europeia, esta obra é considerada por muitos especialistas como a primeira obra sobre educação feminina escrita por uma mulher. Veremos a seguir de que modo a

⁴⁹ PERNOUD, Régine. **Cristina de Pizán**. Barcelona: Editora Medievalia, 2000, p. 86.

⁵⁰ RUBIN, Anderson Cardoso. Razão, Retidão e Justiça: a questão do conhecimento em A Cidade das Damas de Christine de Pizan. Monografia de conclusão de curso em Filosofia: UnB, 2011, p.5.

⁵¹ LEITE (2008), **op. cit.** p. 13.

⁵² PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**. Edição Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

Cristina de Pizán procurou nessa obra definir alguns preceitos destinados à educação e valorização do gênero feminino.

2.2 O livro das Três Virtudes e sua proposta voltada ao ensino das damas

Dentre os tratados voltados a modulação dos comportamentos femininos publicados entre a passagem do Medievo para a Modernidade, podemos certamente citar **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**.⁵³ De autoria de Cristina de Pizán, esta obra é considerada por muitos teóricos da história da literatura europeia como o primeiro tratado sobre educação feminina escrito por uma mulher.

Conforme referido na introdução, o livro que utilizamos para a realização deste trabalho é a versão portuguesa da obra de Cristina de Pizán, intitulada **Le Livre des Trois Vertus ou Trésor de la Cité des Dames**, publicada originalmente no ano de 1405. Segundo Licínia Maria da Trindade Correia, esta tradução portuguesa foi feita a pedido da rainha D. Isabel, esposa do rei D. Afonso V.⁵⁴ Esta obra é composta por três partes, divididas em vários capítulos, que pertencem ao gênero didático-moralista, visando especificamente educar mulheres de todos os estamentos da sociedade tardo-medieval.⁵⁵

O Livro das Tres Vertudes, também chamado de **O Tesouro da Cidade das Damas** ou **O Espelho de Cristina**, foi idealizado por Cristina de Pizán logo após a publicação de uma de suas mais importantes obras, **A Cidade das Damas**.⁵⁶ De acordo com Daniele Shorne de Souza, estas duas obras inauguraram um estilo de escrita no que se refere à tomada de consciência em favor da mulher contra a tradicional imagem negativa que lhes era atribuída pela tradição misógina. Escritos logo após a participação de sua autora nas discussões da querela sobre **O Roman de La Rose**, estes livros tiveram como objetivo a defesa da moral feminina, frente a um contexto ainda marcado pela suspeita e por uma visão bastante depreciativa em relação às mulheres, tanto do ponto de vista teológico e clerical, quanto do ponto de vista laico.⁵⁷

Para que se tenha uma breve ideia da importância e repercussão que esta obra possuiu, basta mencionar o fato de que é atualmente reconhecida a existência de mais de

⁵³ Assim como os responsáveis pela edição consultada, optamos por manter a grafia original em português medieval para fazer referência à obra.

⁵⁴ CORREIA, Licínia Maria da Trindade. **A Insinança das Damas - Formas de Poder Feminino no século XV (o caso de Isabel de Lencastre)**. Dissertação de Mestrado em História: Universidade Nova de Lisboa, 2013, p. 4.

⁵⁵ CRISPIM, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002, p. 15.

⁵⁶ PIZÁN, Christine. **A Cidade das Mulheres**. Tradução de Ana Nereu. Lisboa: Coisas de ler Edições, 2007

⁵⁷ SOUZA (2013), *op. cit.* p. 87.

vinte e um manuscritos, geralmente compilados do texto original, e que em língua portuguesa existem duas versões parcialmente diferentes da mesma obra, preservadas para a contemporaneidade através de projetos de conservação dos textos realizados pelas bibliotecas nacionais de Lisboa e Madri.

O Livro das Tres Vertudes é escrito como se fosse uma longa carta na qual as três Virtudes – Razão (ou Inteligência), Direitura (ou Retidão) e Justiça – se dirigem às mulheres por intermédio de Cristina de Pizán, com o objetivo de ensinar de que forma estas deveriam se comportar e serem educadas. A obra está dividida em três partes principais, denominadas como Livros, e cada uma destas se dedica ensinar um diferente estamento da sociedade tardo-medieval. Dentre estas três partes, as que mais interessam a esta pesquisa são, sobretudo, o Primeiro e o Segundo Livros, nos quais Cristina de Pizán apresenta conselhos para que rainhas, princesas, duquesas, grandes senhoras e damas que viviam na corte dirijam sua vida moral e intelectual da melhor forma possível.

No decorrer capítulos que compõem estes dois Livros, Pizán procurou não apenas definir preceitos gerais comuns ao gênero feminino de sua época – como, por exemplo, dar orientações relacionadas a questões cotidianas interligadas à forma de vestuário mais adequado para cada idade e estamento social, relatar com que prudência as senhoras deveriam mediar o seu agir, conselhos sobre a economia ou gestão da propriedade na ausência do marido ou para a educação dos filhos e cuidado de jovens que estavam sob o governo de aias, donzelas ou senhoras - mas principalmente busca elevar as capacidades intelectuais femininas no interior destas obrigações completamente cotidianas.

Nessa obra, Cristina de Pizán destacou ainda outra importante característica feminina: a inteligência. Essa é na realidade uma nova qualidade que a autora introduz no perfil feminino. A inteligência seria a nova habilidade que deveria comandar a atuação das mulheres em sua vida moral e cotidiana.

Tendo Cristina de Pizán vivido no ambiente de corte desde sua infância, não é de admirar que as duas primeiras partes da sua obra correspondam a conselhos respeitantes ao comportamento das rainhas, das princesas e das suas damas na corte, uma vez que é o espaço de sociabilidade que a autora melhor conheceu. Veremos agora quais as preocupações que, de acordo com Pizán, deveriam perpassar o cotidiano de todas estas mulheres.

Segundo Daniele Shorne de Souza, Cristina de Pizán defendeu a ideia que a mulher deveria deixar de ser vista somente a partir de suas funções ditas naturais, como a função de esposa, mãe ou filha, para assumir uma imagem social. Esta classificação social das mulheres permitiu que se incluísse novamente a mulher no gênero humano, uma vez que, para a autora, Deus dotou ambos, homem e mulher, com uma alma idêntica, nobre e virtuosa. Assim, as mulheres foram apresentadas como seres capazes de reconhecer seus papéis, cumpri-los e se moldarem de acordo com as normas exigidas para o bom convívio tanto em sociedade quanto em sua vida privada.⁵⁸

Conforme visto anteriormente, nos dois primeiros Livros que compõem a obra, Cristina de Pizán procurou modular o comportamento das rainhas, princesas e altas senhoras do reino. Para tal finalidade, a autora inicia suas argumentações abordando as questões vinculadas às formas de virtudes necessárias a todas as mulheres que habitavam o espaço de corte.

A primeira virtude a qual a autora se dedicou foi o amor que estas mulheres deveriam dedicar a Deus. Preocupação que permeia as três partes da obra, o amor a Deus é ensinado às mulheres mediante advertência de que estas deveriam saber, com inteligência, contrapor às riquezas mundanas, que têm a condenação de Deus, as riquezas espirituais, que as conduziriam ao Paraíso.⁵⁹ Sobre este ponto, a Daniele Shorne de Souza defende que, para Cristina de Pizán:

[...] as mulheres deveriam amar a Deus por Sua bondade e temê-lo por Sua justiça, para que, andando no seu caminho, ou seja, cultivando as virtudes, se guardassem dos perigos da tentação. Amar a Deus era o princípio básico de toda a organização da sociedade medieval, na qual amar significava devotar-se, dedicar amor, seguir a Deus, a seus mandamentos e ensinamentos.⁶⁰

Deste modo, no decorrer dos primeiros Livros, utilizando textos bíblicos ou de mestres do clero, Cristina de Pizán procurou, através do diálogo, levar as suas leitoras ou ouvintes a interrogar-se a respeito de qual caminho deveriam tomar para alcançar a salvação de suas almas. Sobre essa questão, a autora reforça a tese de que as virtudes deveriam se constituir como o principal tesouro da alma feminina, defendendo a

⁵⁸ SOUZA (2013), **op. cit.** p. 89.

⁵⁹ PIZAN (2002), **op. cit.** p. 85.

⁶⁰ SOUZA (2013), **op. cit.** p. 87.

perspectiva de que nem toda a riqueza do mundo daria mais prazer ao coração do que a prática adequada destas virtudes.

Neste confronto entre bens materiais e espirituais, a autora reforça sua argumentação apresentando exemplos de seres humanos virtuosos como o rei São Luís de França, assim como também rainhas e princesas, que foram santas no Paraíso, como a mulher do rei Clóvis de França, e Santa Baudor e Santa Isabel, rainha de Hungria.⁶¹ Cristina de Pizán utilizou estas notáveis figuras como exemplos para ensinar as senhoras e donzelas que habitavam o espaço de corte a evitar males como a ira, a avareza, a inveja e a preguiça, assim como para que, com o auxílio do amor à Deus, estas mulheres conseguissem afastar-se da luxúria e adotar uma vida baseada em virtudes como a temperança e a castidade.

Assim, torna-se perceptível que o primeiro ensinamento que Cristina de Pizán destacou para as damas de sua época foi amar e temer a Deus sobre todas as coisas. Para a autora, este deveria ser o ponto de partida para o aprendizado de todas as outras virtudes necessárias para a valorização e bom comportamento das princesas e damas da corte.

O segundo tema comum às três partes da obra é a questão da honra. No que se refere à educação das rainhas, princesas e demais damas da corte, Cristina de Pizán defende a ideia de que a honra deveria ser um dos principais tesouros na existência não apenas das jovens solteiras, como também das mulheres casadas e viúvas.⁶² Para a autora, a honra é um elemento que deveria ser administrado pelas mulheres com inteligência, humildade e muita paciência.

Para tal finalidade, Cristina de Pizán procurou fornecer a suas leitoras alguns conselhos visando valorizar a figura feminina, atrelada ao serviço de Deus. A autora começa aconselhando as rainhas e princesas sobre as formas de relacionamento honroso que deveriam estabelecer com seus súbditos. Neste ponto, aconselha que a estas mulheres que procurem agir com certa doçura, demonstrando sempre isto sempre em suas feições, olhares ou gestos, tratando a todos com extrema educação e polidez.

De acordo com Licínia Maria da Trindade Correia, tendo com inspiração as obras de Sêneca, Cristina de Pizán recomenda as damas da corte servir como mediadoras entre os príncipes e o seu povo, considerando de forma inteligente os desejos dos últimos e levando-os ao seu senhor. Para a autora, este poder de mediação

⁶¹ PIZAN (2002), **op. cit.** p. 120.

⁶² PIZAN (2002), **op. cit.** p. 124.

deveria ser legado às mulheres uma vez que a mesma interpretava a natureza feminina como mais temerosa e doce, em comparação à masculina. Segundo Pizán, devido a sua natureza, as mulheres desejam a paz e possuíam as condições e inteligência necessárias para convencer os governantes a instituí-la.⁶³

No que se refere à questão da honra, segunda forma de virtude que permeia a obra, Cristina de Pizán ressalta ainda o fato de que as grandes senhoras da corte deveriam aumentar sua honra praticando a caridade, especialmente para com os doentes, as viúvas e os necessitados. Segundo Correia, tal como no seu papel de mediadora, ao confortar os que sofrem por doença ou abandono as rainhas, princesas e damas da corte também poderiam se tornar grandes exemplos de conduta para o seu povo.⁶⁴

No segundo Livro, na parte dedicada especialmente às senhoras e donzelas de corte, a honra também aparece interligada ao amor com o qual estas damas deveriam se dirigir as suas senhoras, assim como nas formas de relações que as mesmas estabeleciam com os homens no ambiente de corte. Neste ponto, Cristina de Pizán aconselha suas leitoras ou ouvintes a evitar a maledicência e a inveja, elementos que poderiam prejudicar estas mulheres e resultar em sua infâmia entre os membros da sociedade. No que diz respeito a esta questão, a autora sugere que todas as damas, sejam estas casadas, solteiras ou viúvas, procurassem agir de maneira contida e calculada no que se refere a sua forma de vestir, comer, falar e agir. Para Cristina de Pizán, as mulheres deveriam saber mediar suas ações cotidianas com extrema inteligência, de modo a evitar a má fama e o desprestígio no meio social em que conviviam.

Outra virtude importante abordada pela autora para a educação feminina reside na questão da prudência. Para Cristina de Pizán, todas as mulheres, de acordo com o seu estrato social, deveriam mediar os seus comportamentos públicos e privados em grande prudência que, aliada à sua sabedoria, lhes daria a boa fama exigida para um convívio ideal em sociedade.⁶⁵

Nas recomendações dadas por Cristina de Pizán em nome desta virtude, segundo Licínia Maria da Trindade Correia, devemos destinar maior atenção a pontos como:

[...] a descrição no vestir (as mulheres devem vestir-se segundo a sua condição, sem exageros), no falar (as mulheres devem

⁶³ PIZAN (2002), **op. cit.** p. 132.

⁶⁴ CORREIA (2013), **op. cit.** p.7.

⁶⁵ CORREIA (2013), **op. cit.** p. 8.

falar baixo e pouco em público) e no olhar (devem olhar para baixo, humildes, para Deus), quando estão juntas devem evitar dizer mal umas das outras, ter sentimentos de inveja e de vingança. Na família, devem educar os filhos, conviver cordialmente com o marido, ajudá-lo a pagar as rendas e evitar as demandas sobre cercas e outros conflitos rotineiros nas aldeias.⁶⁶

Deste modo, percebe-se que, no decorrer dos capítulos que compõem estas duas primeiras partes d'**O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**, Cristina de Pizán procurou, por meio da defesa de determinadas virtudes, modular os comportamentos sociais expressos por suas leitoras e ouvintes tanto no espaço público quanto no espaço privado. Por meio de sua obra, a autora ensinou a uma série de gerações de mulheres a educar os seus filhos, cuidar de seu marido, de sua família e do seu património, gerindo o mesmo quando fosse preciso, além de intervir nos conflitos mediando à paz em vários momentos.

O tema da obra de Cristina de Pizán não foi, contudo, original. De acordo com Daniele Shorne de Souza a preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e controlá-lo é antiga.⁶⁷ A grande novidade que **O Livro das Tres Vertudes** apresenta reside na abordagem e na classificação social das mulheres.

O livro foi escrito como um tratado de educação a partir das observações que a autora realizou acerca de boa parte dos costumes e problemas cotidianos enfrentados pelas mulheres do início do século XV. Além disso, Cristina de Pizán traçou de maneira muito minuciosa o cotidiano das mulheres, apresentando também o ideal de comportamento adequado e valorização da feminilidade para elas. Neste sentido, o livro de Cristina de Pizán pode ser visto como inaugural no que se refere a criação de uma tradição literária voltada a valorização da figura e do comportamento feminino no espaço de corte.

Com o advento do século XVI, outros autores procuraram tratar a respeito do lugar e do papel desempenhado pelas mulheres nas cortes. Dentre estes pode-se certamente citar Baldassare Castiglione. Veremos a seguir de que forma este expressivo representante do pensamento humanista italiano tratou da figura feminina em sua mais famosa obra.

⁶⁶ CORREIA (2013), **op. cit.** p. 10.

⁶⁷ SOUZA (2013), **op. cit.** p. 97.

CAPÍTULO 3 – BALDASSARE CASTIGLIONE

Conforme visto anteriormente, os manuais de civilidade possuíram grande importância entre as classes mais elevadas na passagem do Medievo para a Modernidade. Nesse contexto, em toda a Europa estes textos tornaram-se os principais meios de difusão de uma cultura de refinamento dos modos, voltada a instituir um padrão de comportamento socialmente aceito.

O Cortesão, obra de autoria de Baldassare Castiglione pode ser citado entre os manuais de modulação comportamental que obtiveram grande acolhimento do público. Essa obra possuiu grande repercussão, tendo reedições em diversas línguas ainda no século em que foi originalmente publicada.

A obra de Castiglione possui uma singularidade enquanto um texto pensado para os espaços de sociabilidades marcadamente masculinos que constituíam as antigas cortes principescas do século XVI: trata-se de um capítulo voltado para o comportamento da dama palaciana, vista por seu autor como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos do perfeito cortesão e não apenas como uma mulher que deveria ser dotada de extraordinária beleza e de virtudes morais.

Assim, este terceiro capítulo tem por objetivo abordar alguns aspectos da vida e do pensamento do autor, assim como investigar de que maneira Baldassare Castiglione delineou em sua mais importante obra as características necessárias para a perfeita dama palaciana.

3.1 O Cortesão, de Baldassare Castiglione, e sua perfeita dama palaciana

Idealizado por Baldassare Castiglione, **O Cortesão**⁶⁸ é uma obra que tem por objetivo construir um modelo exemplar de indivíduo perfeito, pautado no controle social das emoções e em uma maneira de se portar extremamente polida e gentil.

Expressivo representante do pensamento humanista italiano, Baldassare Castiglione nasceu em Casático, localidade próxima à cidade de Mântua, no ano de 1478. Filho de um pequeno proprietário rural, cedo foi enviado à corte de Lodovico Sforza, em Milão, com intuito de aperfeiçoar seus estudos humanistas. Durante muito tempo Castiglione prestou serviço em diversas cortes e tornou-se clérigo ao final de sua vida. Segundo alguns biógrafos, **O Cortesão** foi uma obra idealizada a partir das experiências vivenciadas por seu autor nas cortes principescas, especialmente em Urbino, e por sua convivência entre os mais notáveis círculos intelectuais do Humanismo.

Com sua primeira edição publicada em 1528, **O Cortesão** tornou-se modelo para os demais tratados que se preocuparam em delinear um ideal voltado à modulação dos comportamentos em diferentes épocas. Modelo para os demais tratados que se preocuparam em delinear um ideal de perfeição em diferentes épocas, esta obra teve sua primeira redação escrita no ano de 1508 e sua primeira versão concluída em 1516. Até a data de sua redação final e publicação, o livro passou por diversas transformações, assim como o próprio Castiglione. Segundo Peter Burke, as revisões feitas a partir de 1520 fizeram com que o texto se tornasse mais sério, mediante remoção de algumas passagens jocosas e adição de um quarto capítulo destinado a tratar do amor espiritual e dos principais deveres do perfeito cortesão ao servir a um príncipe.⁶⁹

Escrito em forma dialógica, **O Cortesão** foi dividido em quatro partes principais, onde seus personagens procuram expressar em palavras a mais perfeita forma de cortesia. No Primeiro Livro são tratados assuntos referentes à origem e formação do cortesão perfeito, isto é, define-se qual deveria ser a origem social do cortesão e o que este indivíduo deveria saber fazer, desde as habilidades ligadas às armas, até um determinado tipo formação intelectual, com ênfase no conhecimento das letras, da retórica, da música e das artes figurativas. O Segundo Livro trata da arte da convivência, da conversação e das brincadeiras que eram ou não permitidas no espaço

⁶⁸ CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁶⁹ BURKE, Peter. **Fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 48.

da corte e aos indivíduos que desejam ser chamados de perfeitos cortesãos. O Terceiro Livro, que será o elemento de maior interesse para esta pesquisa, se propõe a sintetizar o que foi dito anteriormente em relação ao perfeito cortesão e aplicá-lo à dama palaciana, vista por Castiglione como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos de seu par masculino e não apenas como uma mulher dotada de extraordinária beleza e virtudes morais. Por fim, o Quarto Livro trata das relações entre o cortesão e o príncipe a quem serve, de maneira digna e inteligente, sem servilismo, concluindo com um belo elogio à forma mais elevada de amor: o amor espiritual inspirado n'**Os Assolani**, de Pietro Bembo, importante poeta e humanista toscano da primeira metade do século XVI.

Conforme mencionado, **O Cortesão** é uma obra que busca construir uma imagem de voltada ao comportamento do cortesão perfeito ou, mais precisamente, procura dar conselhos destinados aos habitantes das cortes que desejavam se aproximar de um padrão de perfeição comportamental, considerada por muitos como inconcebível.

De acordo com Peter Burke, logo no início do processo de idealização da obra, Baldassare Castiglione se deparou com algumas dificuldades, dentre as quais pode-se citar a pluralidade de cortes observadas na Europa durante a passagem do Medievo para a Modernidade. No interior destes espaços, a diversidade de costumes adotados por seus habitantes impedia a escolha de uma única forma perfeita de cortesia, uma vez que, um mesmo comportamento poderia ser louvável em uma região e extremamente desagradável em outra. Sendo assim, Castiglione optou por escrever a obra fora qualquer ordem ou regra geral de princípios.⁷⁰

Com o objetivo de tornar esta perfeita forma de cortesia acessível ao maior número de pessoas, Baldassare Castiglione escreveu a obra em uma linguagem simplificada e sob a forma de diálogo, recurso frequentemente utilizado por inúmeros pensadores em escritos voltados a grande divulgação cultural.⁷¹

A história se inicia quando, em certa noite, nos aposentos da grã-senhora duquesa de Urbino, esposa do duque Guid'Ubaldo, os membros da corte propõem alguns jogos como forma de distração, algo muito comum no interior destes espaços de sociabilidade. O jogo escolhido para tal finalidade consistiu em alguém do grupo

⁷⁰ BURKE (1997), **op. cit.**, p. 32.

⁷¹ CARVALHO, Rômulo de. **A física experimental em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Instituto de Educação e Língua Portuguesa, 1982, p.11

discursar acerca de um padrão comportamental que deveria ser seguido por aqueles que desejavam ser chamados de perfeitos cortesãos.

Utilizando a figura de diversas personagens que compõem o diálogo, Baldassare Castiglione apresentou todas as qualidades que julgava imprescindíveis para que o comportamento de um cortesão se aproximasse da perfeição. Deste modo, define-se ao longo da obra que tal indivíduo deveria ser nobre e de família rica, pois os nobres temem mais a infâmia, uma vez que, se cometem desvios de comportamento envergonham o nome de sua família. Para o autor, o mesmo não poderia se dito quanto aos costumes dos plebeus, que, não inseridos no competitivo ambiente de corte, não se preocupavam em honrar seus antecessores e responderiam sozinho por seus gestos.⁷²

Destinados aos nobres que precisavam se destacar em suas ações em sociedade, **O Cortesão** considera que os homens criados de acordo com os bons costumes da nobreza, cresceriam virtuosos como seus antecessores e muitas vezes poderiam até mesmo superá-los. Deste modo, além de possuir origem nas mais altas classes sociais ou conseguir chegar até elas mediante seu próprio esforço, para Baldassare Castiglione o perfeito cortesão deveria ser dotado de beleza física e facial, inteligência e graça, passando uma boa impressão à primeira vista, fazendo com que todos os membros da corte tenham uma boa opinião a seu respeito.

Embora em alguns momentos da obra Castiglione refute algumas das ideias apresentadas, como, por exemplo, ao considerar a virtude como um dom natural inerente aos seres humanos,⁷³ encontrado tanto em nobres quanto em plebeus, as demais condições indicadas, como a beleza de rosto e de corpo, inteligência e graça são para o autor um elemento extremamente necessário para o indivíduo que deseja se tornar um cortesão perfeito.

Outro ponto de vista constantemente reforçando no decorrer da obra está interligado à importância que o autor atribui à primeira impressão e opinião dos outros sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade. Para Castiglione, no interior da competitiva sociedade de corte, na qual destacar-se e ser bem quisto poderia se converter em uma série de benefícios aos indivíduos, estes elementos deveriam mover o espírito humano, sendo que, neste ponto um nobre levaria certa vantagem em relação a um plebeu.⁷⁴

⁷² CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 17.

⁷³ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 23.

⁷⁴ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 27.

No que se refere ao ofício ideal, segundo Castiglione, as armas deveriam ser o principal ofício do cortesão, o qual deveria dedicar-se a essa tarefa sendo ousado, valoroso e fiel ao seu senhor.⁷⁵ Para o autor, quanto maior fosse o domínio que estes sujeitos demonstrassem sobre as armas, maior seria o reconhecimento que lhes legaria príncipe a quem serviam.

No decorrer da obra, Baldassare Castiglione ainda defende a importância de que o perfeito cortesão não fosse um sujeito orgulhoso e que não costumasse bravatear nem lançar olhares ameaçadores. Para o autor o cortesão deveria ser veemente e severo para com seus inimigos e estar sempre entre os primeiros; nas demais ocasiões, deveria ser humano, modesto e, sobretudo, contido.⁷⁶

No que se refere aos aspectos e aptidões físicas de seu perfeito cortesão, Castiglione defende que, quanto ao rosto, pretende que este sujeito seja delicado, porém não muito suave ou feminino, mas que possua virilidade e graciosidade independente do formato da face. Seu corpo, não pode ser nem muito pequeno nem tão grande, possuindo uma dessas características certamente seria tratado com desprezo, podendo ser considerado como uma aberração. Entre um e outro, era melhor que o perfeito cortesão possuísse um corpo pequeno, pois um corpo muito grande impossibilitaria a execução de qualquer exercício físico de agilidade. Por isso, pretende-se que o cortesão tenha membros bem formados e que possua as habilidades exigidas de um homem de guerra, principalmente no manuseio de armas, na luta corporal e que seja um perfeito cavaleiro.⁷⁷

Era também conveniente, segundo a obra, que o perfeito cortesão soubesse caçar, correr, nadar saltar, jogar pedras, além de saber jogar péla. Desejava-se ainda que o cortesão evitasse a inveja e coisas banais, como rir, brincar, gracejar, dançar; demonstrando sempre engenhosidade e discrição, agindo com displicência, demonstrando que aquilo que faz ou diz são atitudes espontâneas, evitando assim a afetação.⁷⁸

O perfeito cortesão deveria ainda saber falar e escrever bem, mas para isso era preciso sabedoria, pois quem nada sabe nada de proveitoso tem a falar ou escrever. O ato de falar exige que tenha uma boa voz: sonora, clara e bem imposta, uma pronúncia precisa atrelada a modos e gestos convenientes, os quais utilizaria para expressar em

⁷⁵ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 30.

⁷⁶ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 39.

⁷⁷ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 41.

⁷⁸ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 44.

palavras pensamentos belos, engenhosos, agudos, elegantes e graves. O perfeito cortesão deve também transmitir coisas agradáveis em momentos adequados, falar de jogos, motejos e ser irônico; porém, sempre sendo sensato e desenvolto, sem demonstrar vaidade ou infantilidade.⁷⁹

O Cortesão é uma obra que também defende o uso de palavras elegantes não somente na língua materna daqueles que desejavam expressar o mais refinado comportamento. Deste modo, Castiglione indica aos habitantes de corte que aderissem também alguns termos espanhóis e franceses, comuns não apenas na Itália, pois julgava interessante a aquisição de novos conhecimentos.

Além de todas as qualidades já apresentadas, era imprescindível que o cortesão possuísse conhecimento teórico e prático da música, pois desta forma, poderia aliviar as tensões diárias dos indivíduos com sua musicalidade. Da mesma forma, se fazia necessário ter domínio do desenho e da pintura, uma vez que, tais atividades poderiam ser demasiadamente úteis na guerra para a confecção de mapas.⁸⁰

A obra também defende que, além da bondade, as letras como elementos de grande importância para o espírito humano. Deste modo, o perfeito cortesão deveria apreciar e dominar as letras, as humanidades e as línguas latina e grega, saber escrever versos em prosa, ser conhecedor dos grandes poetas, oradores e historiadores. No entanto, este sujeito não deveria dizer aquilo que não sabe para não parecer tolo. O perfeito cortesão deveria, sobretudo, ser prudente e tímido, ou seja, um homem de guerra e um literato, conciliando essas funções, de modo que, haja um mutualismo entre elas.⁸¹

Embora na maior parte da obra Baldassare Castiglione tenha se dedicado a dar conselhos aos homens de corte, **O Cortesão** possui ainda uma singularidade enquanto um texto pensado para os espaços de sociabilidades marcadamente masculinos que constituíam as antigas cortes principescas do século XVI: trata-se de um capítulo voltado para o comportamento da dama palaciana, vista por Castiglione como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos do perfeito cortesão e não apenas como uma mulher que deveria ser dotada de extraordinária beleza e de virtudes morais. Veremos a seguir de que forma o autor apresenta sua perfeita dama palaciana.

⁷⁹ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 57.

⁸⁰ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 41.

⁸¹ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 92.

Ao tratar sobre a figura feminina, **O Cortesão** nos contrapõem duas visões possíveis a respeito das mulheres nas antigas cortes principescas. A primeira dentre estas pode ser vinculada a tradição misógina, tendo como base textos clássicas, tais como os escritos de Aristóteles, e que se conservaram por todo o período medieval. A segunda é voltada a valorização da figura feminina, vista como capaz de possuir virtudes que os pensadores humanistas tanto desejavam.

Contrapondo estas duas visões, Baldassare Castiglione inova ao defender em sua obra a perspectiva de que as mulheres deviriam ser educadas de maneira a cultivar o conhecimento, além de virtudes para que conseguisse agir de forma honrada e honesta. Educar as mulheres, entretanto, não era o suficiente, pois, através dos discursos proferidos por alguns de seus personagens, Castiglione inicialmente defende a ideia de que a natureza feminina era diferente da masculina. Desta maneira, apresentando os discursos de caráter misógino, a obra defende inicialmente que as mulheres precisavam realizar um esforço muito maior para atingir uma forma de comportamento considerada perfeita entre os membros da corte.⁸²

Neste ponto, devemos lembrar que, até meados do século XV, a visão que muitos tinham a respeito da natureza feminina era atrelada a imagens de fraqueza e imperfeição. Esta natureza refletia-se em questões físicas, emocionais e espirituais. Deste modo, Castiglione apresenta o discurso misógino sobre a natureza feminina. No interior destes discursos as mulheres eram vistas como criaturas inseguras, irracionais e inconstantes. Estas características se davam devido ao espírito feminino ser fortemente inclinado às coisas materiais.

Segundo Ana Paula Martins Pereira, de acordo com esta visão sobre a natureza feminina, as mulheres então se localizariam em um patamar abaixo dos homens. Não eram vistas como animais, mas sua ligação com o plano terreno se fazia mais forte que a dos homens, por causa de seus corpos cuja principal função era conceber filhos.⁸³ Desta forma, expondo o pensamento misógino, Baldassare Castiglione discursa primeiramente acerca desta ideia de imperfeição atribuída as mulheres, interpretando-as como um erro da natureza, e, portanto, incapazes de atingir um mesmo ideal de perfeição desejado aos homens.⁸⁴

⁸² CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 206.

⁸³ PEREIRA, Ana Paula Martins. **Um ideal de perfeição: O Cortesão e as cortes renascentistas italianas no início do século XVI**. Monografia de conclusão do curso de História: UFPR, 2008, p. 40.

⁸⁴ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 202-203.

Em oposição a essas concepções, Baldassare Castiglione dá prosseguimento à obra com discursos voltados a valorização das mulheres. Deste modo procura apresentar o gênero feminino não como um erro da natureza, mas sim enquanto um elemento natural extremamente necessário, uma vez que sem a existência feminina a humanidade jamais teria existido. Desta maneira, a obra defende a ideia de que a sociabilidade perfeita só poderia ocorrer mediante união entre o homem e a mulher.

Assim, Castiglione reconhece a necessidade das mulheres no mundo, não apenas como responsáveis pela procriação, mas como elementos fundamentais para o equilíbrio da natureza e mesmo do Universo.⁸⁵ Esse equilíbrio era essencial para que os objetivos humanistas de elevação do espírito fossem atingidos. Segundo Pereira, a união que leva a este equilíbrio ocorre principalmente, através do amor, que não preciso necessariamente ser vivenciado fisicamente, resultando em herdeiros. Neste sentido não bastaria apenas que as mulheres fossem interpretadas somente mediante análise de seus corpos. Era preciso também considerar as virtudes femininas.⁸⁶

No que se refere às virtudes, a obra de Castiglione defende que a perfeita dama palaciana deveria possuir virtudes análogas às masculinas, como a honra, a coragem, a honestidade. Deste modo, as mulheres poderiam se assemelhar aos homens em sua dignidade, alimentando virtudes, como a nobreza e a graça, e evitando os vícios e, sobretudo, a afetação.⁸⁷

Quanto à aparência, **O Cortesão** define que as mulheres deveriam ser delicadas, ternas e repletas de feminilidade. Esta aparência deveria ser expressa em todos os ofícios femininos, sejam em espaços públicos ou privados.⁸⁸ Deste modo, a perfeita dama palaciana era a mulher que detinha extrema dedicação e cuidado com sua aparência tanto na busca do seu enriquecimento espiritual, como em atividade próprias ao gênero feminino, tais como seus papéis de mãe, de esposa ou filha, fundamentais para o desenvolvimento na sociedade renascentista.

Em passagens rápidas do texto, Castiglione também discursa a respeito do papel desempenhado pela perfeita dama palaciana na administração da casa. Neste sentido, o autor defende que as mulheres deveriam saber administrar os bens do marido, a casa e os filhos quando casada.⁸⁹ Desta maneira, percebe-se que ainda que valorize a educação

⁸⁵ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 213.

⁸⁶ PEREIRA (2008), **op. cit.** p. 46.

⁸⁷ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 190.

⁸⁸ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 212.

⁸⁹ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 192.

feminina, **O Cortesão** não deixa de considerar no meio de tantos atributos que a dama palaciana perfeita deveria possuir os seus deveres domésticos e sociais atribuídos às mulheres.

Essa questão dos deveres sociais desempenhados pelas mulheres pode ser vinculada a forma de educação que as mesmas recebiam. Conforme mencionado anteriormente, no interior das cortes principescas as mulheres eram educadas desde a infância para conhecer seu lugar na sociedade. Para os defensores dos discursos misóginos, esta educação deveria acontecer compreendendo ao menos a leitura e o catecismo. Desta maneira, de acordo com Maria de Lurdes Crispim, a religiosidade pode ser vista como a responsável pelo primeiro passo na educação das moças. Este tipo de educação, não visava o enriquecimento cultural, no sentido da mulher conhecer as ciências e as artes, mas sim seu direcionamento moral e religioso, sendo um instrumento para a difusão da fé.⁹⁰

A obra de Baldassare Castiglione pode ser vista como um exemplo desta preocupação com a educação feminina. Entretanto, ao contrário do que defendiam seus antecessores, o autor centrou sua proposta em uma educação que visava à aquisição de conhecimento. Assim, a perfeita dama palaciana apresentada n'**O Cortesão** deveria saber mais que apenas ler. O conhecimento que estas mulheres deveriam adquirir seriam voltados a torna-las habilitadas a:

[...] receber convidados de modo a conversar com estes de maneira a perceber a qualidade daquele com quem fala, para entretê-lo gentilmente esteja informada de muitas coisas; e saiba ao falar, escolher coisas adequadas à condição daquele com quem fala.⁹¹

Desta forma, Baldassare Castiglione defende que a perfeita dama palaciana deveria ser instruída nos conhecimentos humanistas para que sua convivência com estes homens se tornasse agradável. Assim, o ideal de educação feminina defendido nas paginas d'**O Cortesão** supera projetos anteriores, voltados apenas a instruir a mulher em sua formação como dona de casa, esposa dedicada ou boa mãe e filha.

Embora a passagem do Medievo para a modernidade tenha produzido obras como **O Cortesão** e **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**, raras foram

⁹⁰ CRISPIM (2002), **op. cit.** p. 21.

⁹¹ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 232.

as mulheres que chegaram até nós como seguidoras deste caminho de erudição. E aquelas que se dedicaram ao ofício das letras enfrentaram o preconceito dos próprios humanistas, que embora considerassem necessário que as mulheres possuísem certo nível de educação, também pensavam que uma instrução demasiado elevada as tornaria masculinas e desagradáveis.⁹²

Isto significa que se por um lado, nas teorias humanistas, o conhecimento era visto como algo necessário para o crescimento do ser humano, independente de gênero, por outro os hábitos e costumes da época criavam uma barreira para que fosse aceita uma mulher dedicada às ciências e às artes.

⁹² CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 239.

CONCLUSÃO

Conforme mencionado, o objetivo desta pesquisa de monografia de conclusão de curso em História foi demonstrar a interlocução existente entre o pensamento humanista e a obra de Baldassare Castiglione a uma tradição de escrita enaltecedora da feminilidade que o precede, da qual fazem parte autoras como Cristina de Pizán.

Para a historiografia a que recorreremos, os tratados humanistas voltados à educação ou modulação comportamental refletem mudanças de grandes proporções nas relações de sociabilidade que se estabeleceram nas antigas cortes europeias durante a passagem da Idade Média para a Modernidade. Estas obras buscaram definir ideias de controle e perfeição comportamental, para uma sociedade caracterizada por uma ininterrupta circulação de grupos e indivíduos numa ordem social mais aberta. Assim, a postura, o vestuário, as expressões faciais e o comportamento externo de que cuidam estes textos nada mais são do que a manifestação da necessidade de diferenciação de uma sociedade em transição, que possuía ambiciosas pretensões em relação à educação e às maneiras de ser.

Durante a passagem do Medievo para a Modernidade, as cortes principescas tornam-se os espaços ideais para a expressão das novas formas de sociabilidade abordadas por estes manuais. No interior desses espaços, os indivíduos que integravam os círculos sociais humanistas e de corte começaram a valorizar certas aptidões, como saber manejar armas, dançar, ser versado nas artes literárias e, sobretudo, ser bastante distinto e educado, habilidades que os auxiliariam a cair nas graças não apenas de seu príncipe, como também na dos demais membros da corte.

Deste modo, a questão do comportamento em sociedade assumiu tamanha importância e visibilidade no período que mesmo pessoas de extraordinário talento e renome não desdenharam em tratar deste assunto. Publicações voltadas para a modulação dos comportamentos passaram a ser impressas para atender a um público seletivo que cada vez mais desejava informar-se e educar-se.

Enquanto sujeitos integrantes desta sociedade de corte, as mulheres não ficaram alheias a esta questão. Sua educação, postura, vestuário e comportamento externo também foram tratados em manuais destinados a modulação dos comportamentos. Dentre os escritos de maior repercussão que se preocuparam em definir um ideal de perfeição comportamental para as damas que habitavam as cortes estão **O Livro das**

Tres Vertudes a Incinança das Damas, de Cristina de Pizán, e **O Cortesão**, de Baldassare Castiglione.

Enquanto obras idealizadas no interior das cortes principescas, espaços de sociabilidade marcadamente masculinos, estas obras possuem uma singularidade: trata-se de uma abordagem voltada à valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas. Conforme vimos, a preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e controlá-lo é bastante antiga. Desde a Antiguidade, inúmeros filósofos, clérigos e outros pensadores procuraram tratar acerca deste assunto. A grande novidade que obras como **O Livro das Tres Vertudes** e **O Cortesão** apresentaram reside na abordagem e na classificação social do gênero feminino elaborado por seus autores.

A obra de Cristina de Pizán, por exemplo, foi idealizada como um tratado de educação a partir das observações que a autora realizou acerca de boa parte dos costumes e problemas cotidianos enfrentados pelas mulheres do início do século XV. Além disso, Pizán traçou de maneira muito minuciosa acerca do cotidiano das mulheres, apresentando também um ideal de comportamento adequado e valorização da feminilidade para as mesmas. Neste sentido, o livro de Cristina pode ser visto como uma obra inaugural no que se refere à criação de uma tradição literária voltada a valorização da figura e do comportamento feminino no espaço de corte.

Com o advento do século XVI, outros autores procuraram tratar a respeito do lugar e do papel desempenhado pelas mulheres nas cortes. Dentre estes pode-se certamente citar Baldassare Castiglione. No terceiro Livro d'**O Cortesão**, este autor procurou delinear um ideal de perfeição comportamental para a dama palaciana, vista por ele como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos do perfeito cortesão e não apenas como uma mulher que deveria ser dotada de extraordinária beleza e de virtudes morais.

Em ambas as obras, Cristina de Pizán e Baldassare Castiglione defendem a importância da educação na vida das mulheres. Este seria um elemento que as auxiliaria em todas as suas obrigações, públicas e privadas. Neste ponto, as duas obras definem um novo perfil para o gênero feminino, o reconhecendo como capaz de adquirir conhecimento e virtuosidade similares aos ensinados aos homens nesse contexto. A inteligência é na realidade a nova qualidade que Pizán e, posteriormente, Castiglione introduziram ao perfil feminino. Ela seria a nova habilidade que deveria comandar a atuação das mulheres em sua vida moral e cotidiana.

Desta forma, defendemos que **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**, ao tentar traçar um novo perfil para a vida moral e intelectual das mulheres do final da Idade Média, abriu caminho para uma nova perspectiva em relação à figura feminina, partindo da valorização das mulheres através da educação e ação racional, algo muito valorizado pela cultura humanista e expresso posteriormente nas páginas que compõem o livro d'**O Cortesão**.

Deste modo, acreditamos que **O Cortesão** e **O Livro das Tres Vertudes: a Insinança das Damas**, podem ser vistos como obras notáveis no que diz respeito a uma tomada de consciência da situação feminina em oposição a tradicional imagem da mulher enquanto um ser menosprezado e desprovido de inteligência. Estes dois tratados abordam e revelam a valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas em um contexto ainda marcado pela suspeita e por uma visão bastante depreciativa em relação às mulheres, tanto do ponto de vista teológico e clerical, quanto do ponto de vista laico.

Por fim, uma vez que a totalidade histórica nos é algo inalcançável, é sempre bom ressaltar o fato de que este trabalho procurou explorar apenas um dos muitos desdobramentos à questão da educação feminina pode apresentar. A valorização da figura feminina observada nas obras de Cristina de Pizán e Baldassare Castiglione, na passagem do Medievo para a Modernidade, certamente não é a única forma possível de identificação da preocupação com a educação feminina em voga no Humanismo. Este contexto pode ter criado, e certamente criou, outros tipos de interpretações e sensibilidades acerca desta questão. Cabe ao pesquisador procurar aquela que lhe desperte maior atenção.

REFERÊNCIAS

FONTES:

CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIZAN, Christine de. **O Livro das Três Vertudes: a insinância das damas**. Edição Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

BIBLIOGRAFIA:

ANSELMO, Artur. **Estudos de História do Livro**. Lisboa: Guimarães Editora, 1998.

BONNEAU, Alcide. Os livros de civilidade desde o século XVI. In: **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BURKE, Peter. **As fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. **O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2006.

CARVALHO, Rómulo de. **A física experimental em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Instituto de Educação e Língua Portuguesa, 1982.

CORREIA, Licínia Maria da Trindade. **A Insinância das Damas - Formas de Poder Feminino no século XV (o caso de Isabel de Lencastre)**. Dissertação de Mestrado em História: Universidade Nova de Lisboa, 2013.

CRISPIM, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinância das Damas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

DELLA CASA, Giovanni. **Galateo ou dos costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Stampa, 1989.

DRESDEN. **O Humanismo no Renascimento**. Porto/Lisboa: Editorial Inova/Portugália Editora, 1968.

DUBY, Georges (org.); PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Vol. II Coimbra: Afrontamento, 1990.

_____. **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna.** Vol. III. Porto: Edições Afrontamento.

_____. **Damas do século XII: a lembrança das ancestrais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Idade Média, idade dos homens, do amor e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, Letícia Schneider. Gênero e feminino no medievo: o Sacramento do Matrimônio na obra de Martin Perez. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** São Paulo: ANPUH, julho 2011.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média.** Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Ulisséia.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média.** Lisboa: Gradiva. 1984.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação.** Tese em Literatura Francesa: USP, 2008.

LOYN, Henry R. **Dicionário Temático da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Pensando com Norbert Elias: a construção do conceito de civilidade.** Maringá: texto no prelo para publicação, 2011.

NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. In: **Revista Gênero e Direito**, ed. 3, 2013.

PERNOUD, Régine. **Cristina de Pizán.** Barcelona: Editora Medievalia, 2000.

PEREIRA, Ana Paula Martins. **Um ideal de perfeição: O Cortesão e as cortes renascentistas italianas no início do século XVI.** Monografia de conclusão do curso de História: UFPR, 2008.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. **A arte de receber: distinção e poder a boa mesa – 1900-1970.** Tese de Doutorado em História: Universidade Federal do Paraná, 2004.

PIZÁN, Christine. **A Cidade das Mulheres.** Tradução de Ana Nereu. Lisboa: Coisas de ler Edições, 2007.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, p.169 – 210.

RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RUBIN, Anderson Cardoso. **Razão, Retidão e Justiça: a questão do conhecimento em A Cidade das Damas de Christine de Pizan**. Monografia de conclusão de curso em Filosofia: UnB, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.15, 1990, p.5-22.

SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. O retrato da sajes e boa princesa D. Izabel, Duquesa de Borgonha, e a corte portuguesa no século XV. In: **Revista Philologus**, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Daniele Shorne de. **A Cidade das Damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV**. Dissertação de Mestrado em História: UFPR, 2013.

_____. **O conhecimento não corrompe: o pensamento utópico de Cristina de Pizán no alvorecer da modernidade**. Monografia de conclusão de curso em História: UFPR, 2008.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: **Cadernos Pagú**, ed. 3. Campinas, 1994.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Modas e Modos: os manuais de instrução feminina e a educação da mulher**. Dissertação de Mestrado em História: Universidade Estadual de Maringá, 2013.

WOLF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.